

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA BANALIZAÇÃO DA MORTE EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: A NECESSIDADE DE FUGIR DA REALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF THE TRIVIALIZATION OF DEATH AMID PANDEMIC OF COVID-19: THE NEED TO ESCAPE REALITY AND ITS CONSEQUENCES

DOI: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1480-1488> Recebido em: 25.02.2022 | Aceito em: 07.09.2022

Maria Alicya Teixeira Alves Firmo^{a*}, Iarley Brito^a

**Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO^a
E-mail: alicyateixeiraf@gmail.com**

RESUMO

Este trabalho é uma análise fenomenológica da banalização da morte por parte de uma parcela da população brasileira, evidenciando que a primeira pessoa pública a banalizar a morte foi o Presidente da República que deveria servir de exemplo, desvelando, ainda, que os comportamentos que desrespeitam a vida não são apenas por questões existenciais, mas também emergem de um conflito ético-moral. Tal pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória e enquanto procedimentos técnicos tem-se enquanto fonte primária a observação da realidade e enquanto fonte secundária, a pesquisa bibliográfica. Podendo ser possível concluir, quais são as consequências do sistema neoliberal diante de um cenário pandêmico, o que o negacionismo, vigente na atualidade, desencadeou nas relações e principalmente, no controle da pandemia. Assim, este trabalho torna evidente que a contemporaneidade é marcada pelo desejo de anular a dor, o sintoma, e a angústia para que o sujeito possa produzir e alimentar o sistema econômico no qual está inserido, a todo custo, inclusive, a partir do uso de ansiolíticos e antidepressivos, sendo, portanto, uma das consequências de viver em uma sociedade reprimida.

Palavras-chave: Vida inautêntica; Pandemia; Negacionismo. Angústia. Produtividade tóxica.

ABSTRACT

This work is a phenomenological analysis of the trivialization of death by a portion of the Brazilian population, evidencing that the first public person to trivialize death was the President of the Republic who should serve as an example, also revealing that behaviors that disrespect life are not only for existential reasons, but also emerge from an ethical-moral conflict. This research is qualitative, exploratory in nature and, as technical procedures, the observation of reality and as a secondary source, bibliographic research is as the primary source. It may be possible to conclude, what are the consequences of the neoliberal system in the face of a pandemic scenario, what denialism, currently in force, triggered in relations and especially in the control of the pandemic. Thus, this work makes it evident that contemporaneity is marked by the desire to annul pain, symptom, and anguish so that the subject can produce and feed the economic system in which he is inserted, at all costs, including, from the use of anxiolytics and antidepressants, being, therefore, one of the consequences of living in a repressed society.

Keyword: Inauthentic life; Pandemic; Denialism. Anguish. Toxic Productivity.

INTRODUÇÃO

O *Coronaviridae* é uma família de vírus que sofre mutações e desenvolvem uma variedade de doenças. O COVID-19 é fruto das replicações desse vírus, que causa doenças principalmente no sistema respiratório e vascular dos indivíduos infectados.

O primeiro caso tido como oficial no mundo deste vírus, aconteceu em 12 de dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Em poucos dias, atingiu em média 50 pessoas daquela localidade, caracterizando um surto (Gruber, 2020). Posteriormente, em 26 de fevereiro de 2020, foi oficializado o primeiro caso no Brasil, logo após uma das principais festividades brasileiras: o carnaval. Mesmo a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarando emergência internacional em 30 de janeiro de 2020, o Governo brasileiro agiu, através da Portaria nº 356 em 11 de março de 2020, mas quando já tinham casos confirmados da doença, o que pode evidenciar, desde então, o descuido das autoridades sanitárias brasileiras e do Governo Federal, que agem de forma contrária ao que é solicitado pela OMS.

Nas vinte e quatro horas do dia 8 de abril de 2021, morreram por COVID-19 em média 4249 pessoas, segundo o Boletim Epidemiológico Especial publicado pelo Ministério da Saúde e Secretaria de Vigilância em Saúde, vírus no qual, já possuía vacina desde janeiro do mesmo ano. Até tal dia, haviam morrido após um ano e dois meses de pandemia, mais de 428 mil pessoas no Brasil, segundo dados recolhidos na Secretaria de Vigilância em Saúde.

Diante desse cenário, o que chama atenção é o negacionismo¹ do presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, quando ele afirma no dia 24 de março de 2020 que a COVID-19 não passa de uma gripezinha em pronunciamento na rede nacional de televisão sobre a crise do corona vírus (<https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70>), o quanto a população desacredita da letalidade do vírus e o quanto a morte passou a ser aviltada por aqueles que desrespeitam as orientações da OMS, que deveria ser atitude primária do presidente da nação, pois enquanto líder e presidente de um país, precisa ser exemplo, e ainda pelo fato de que no início da doença, a população brasileira sentiu com muito pesar quando foi atingido o marco de mil

mortes em vinte e quatro horas e posteriormente, com o passar dos meses, houveram dias em que morreram 4.249 pessoas em vinte e quatro horas e não houve, aparentemente, o mínimo de comoção e mobilização por grande parte dos brasileiros.

Diante de tantos fatos difíceis de serem assimilados, faz-se necessária a produção deste artigo, que é um estudo fenomenológico sobre o fenômeno da morte e como este foi ainda mais banalizado no Brasil, onde utilizando-se da definição de banalidade do mal proposta por Hannah Arendt (1999), desrespeito a alguém que não pensa, podendo ampliar, para uma sociedade ou uma parcela desta que não pensa, e que foi construído a partir de inquietações ao acompanhar os noticiários brasileiros como o site El País, o jornal Folha de São Paulo, a revista Exame e as redes sociais, como o Instagram e o Twitter, pois eram nesses espaços onde mostravam o número de pessoas que desrespeitavam o isolamento social mesmo com o número de mortes aumentando diariamente.

Frente ao cenário atual e diante da irresponsabilidade com a própria vida e com a vida do outro, compreender qual o significado que a morte do outro possui na contemporaneidade é o objetivo geral desse estudo que será realizado a partir de uma revisão bibliográfica. Sendo, portanto, um trabalho relevante academicamente pois poderá ser útil como material de pesquisa sobre as apreensões que foram possíveis de serem feitas sobre a constituição do sujeito psíquico e social frente ao cenário pandêmico da COVID-19, e consequentemente relevante para a sociedade por tornar acessível um panorama geral de como a sociedade brasileira está adoecida e incapaz de produzir sujeitos comprometidos com a cidadania e com o todo social, estando cada vez mais egóica.

Segundo Albert Camus (2020) em O mito de Sísifo, a pergunta fundamental da filosofia é julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida. Escrito isto em 1942 e ainda sem resposta, não cabe aqui ser dito se a vida de alguém é ou não valiosa, por exemplo, afinal, como nem mesmo a filosofia tem a solução, não há como afirmar se o que o sujeito faz está certo ou errado, se suas vidas possuem ou não sentido e ainda, se suas vidas valem ou não a pena serem vividas.

Vale ressaltar que o desejo ao escrever este trabalho, é descrever, já que a metodologia da pesquisa é

¹Negacionismo é “um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo” afirma o professor de História do Brasil da USP, Marcos Napolitano em

<
<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia> >

fenomenológica. Martin Heidegger, autêntico fenomenólogo, em sua principal obra, *Ser e Tempo* (2015) cita “todo questionar é um buscar” (p.40), e aqui, através da busca, tem-se como objetivos específicos, discutir as implicações da morte do outro e no outro na contemporaneidade, expor como as pessoas tem se comportado perante a situação pandêmica no Brasil, desvelar como o luto tem sido vivenciado e investigar as possíveis consequências na saúde mental dessas pessoas que negaram a morte do outro e colocaram a sua própria vida em risco. Para tanto, faz-se necessário o uso da fenomenologia, por ser tida como a arte de desvelar aquilo que ocultamos de nós mesmos cotidianamente. Giles (1989) afirma que o papel da fenomenologia é se inserir nessa realidade que escapa da autotransparência e manifestar aquilo que está oculto dentro da reflexão, podendo, então, tornar evidente o que só é percebido através de uma reflexão que não é feita cotidianamente.

MÉTODO

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois segundo Triviños (1987) o cunho qualitativo trabalha buscando o significado dos dados, não capturando apenas a aparência do fenômeno, mas também a essência, explicando a origem, de acordo com os objetivos da mesma e ainda segundo Bogdan & Biklen (2003) a pesquisa qualitativa utiliza-se de dados descritivos que são obtidos a partir do contato direto do pesquisador com a situação que está sendo estudada. É também uma pesquisa exploratória pois tem como objetivo familiarizar os leitores do problema, tornando-o mais explícito (Gil, 2002). Enquanto procedimentos técnicos, tem-se como fonte secundária a pesquisa bibliográfica, e observação na vida real enquanto fonte primária, pois a partir dela é possível “identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI E LAKATOS, 1996, P. 79).

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO MORRER: A CONSTRUÇÃO DOS RITUAIS FÚNEBRES

A fenomenologia foi consagrada por Edmund Husserl em meados do século XVIII, como sendo um estudo descritivo, sem pré-conceitos, do que emerge na consciência, descrevendo exatamente como aparece, possibilitando a elucidação do fenômeno questionado. Preocupado em tratar o fenômeno em sua totalidade e concretude, a fenomenologia se opõe a toda e qualquer

corrente filosófica que desloque a atenção da maneira como o fenômeno aparece (Moreira, 2010). Para Husserl, a consciência é uma atividade constituída por atos, e a tarefa da fenomenologia, diante disso, é revelar o que há de essencial nos atos, nos comportamentos. Como Husserl afirma em inúmeros momentos de sua obra, o objetivo da fenomenologia é “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (2008, p. 17), por isso utilizar da fenomenologia na construção deste trabalho, pois a morte, não era assim pensada e o luto não era assim vivido, antes da pandemia, retornar a origem desses processos, de fato, é urgente, visto que as consequências do não poder se despedir de um ente querido, pode gerar sentimentos e sensações que poderão perdurar por muito tempo, como é o caso do luto complicado, onde o sofrimento desse sujeito pode durar mais de um ano, assim como o sentimento de vazio, saudades e evitação de situações que o façam lembrar do ente falecido (MANCINI, SIMAN, BONANNO, 2015).

Desde pouco antes do século XIII existem os costumes funerários (ÀRIES, 1977) e que como muitos outros costumes e hábitos, foi ceifado subitamente. A morte na Alta Idade Média (século V ao X) era compreendida como algo que fazia parte da vida, que todos conheciam e era um momento esperado (ÀRIES, 1977). A morte desejada por muitos, na contemporaneidade, que é a morte repentina, era temida por eles, na Idade Média. Em comparação, na atualidade, a morte tornou-se um tabu, onde não é bem-vindo falar sobre e as pessoas morrem sozinha, como cita Monteiro (2017) “O morrer só, isolado, ocorre mais frequentemente no período moderno do que em qualquer anterior.” (p. 35), enquanto antigamente, até as crianças participavam dos rituais fúnebres. A pandemia do covid-19 pode ter trazido, ao mundo inteiro, o desejo de fazer os rituais fúnebres com a presença de todos e não a morte isolada como vinha acontecendo antes mesmo da chegada do vírus.

Os rituais fúnebres não puderam e não podem acontecer, as famílias não podem velar e se despedirem do corpo de seus entes queridos e os caixões são vetados tendo em vista o poder de contaminação do vírus. Assim são os rituais fúnebres possíveis, apressados, sem tempo para que seja possível digerir aquele fato. As pessoas que perdem esse sujeito, entram em um processo de luto diferente dos outros que já podem ter sido vivenciados, pois dessa vez, não podem se despedir, podendo viverem um luto complicado, que de acordo com Franco (2010) é caracterizado quando o sujeito apresenta desorganização prolongada, o impedindo de retornar as suas atividades com a qualidade que era realizada antes da perda.

No livro *A morte e o morrer em UTI*, Mayla

Cosmo Monteiro cita “A cena do moribundo cercado por seus familiares nos seus últimos instantes de vida é substituída pela solidão de um leito de hospital.” (p. 36), antes da pandemia essa era a realidade das UTIs, e agora, sem respirar, sozinho, o sujeito chega à óbito. Essa é a realidade trazida pela COVID-19. Sabendo disso, de como são esses novos rituais fúnebres, de como essa morte tornou-se ainda mais solitária, pois são divulgados diariamente depoimentos nas redes sociais, a população brasileira insiste em não cumprir as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), o que nos faz pensar se isso seria um jeito de fugir dessa realidade, ou ainda seria uma resistência em não aceitar essa realidade.

O SER-PARA-A-MORTE: O DESRESPEITO AS RECOMENDAÇÕES DA OMS

O sujeito, em expressões heideggerianas, sendo um ser-para-a-morte como sua principal característica, afirma que toda a sua angústia aponta para o caráter finito e temporal da existência, sendo possível afirmar que a angústia sentida pelo sujeito ao tornar-se consciente

de que tudo finda, inclusive a sua existência, é o momento em que ele toma posse do seu fim. No entanto, a grande questão da contemporaneidade, é o quanto os indivíduos evitam a angústia e a dor (2003). Como é trazido pelo filósofo contemporâneo, Byung-Chul Han, em seu livro *Sociedade Paliativa* (2021) “A nossa relação com a dor mostra em que sociedade vivemos” (p.9). Han traz o termo *algofobia* como sendo uma angústia generalizada diante da dor, o que faz com que toda condição dolorosa seja evitada e conseqüentemente, gera uma espécie de anestesia permanente, sendo possível perceber isso ao encontrar diversas praias superlotadas em meio a uma pandemia, os empresários e as celebridades realizando grandes festas e aglomerações, como foi o caso do jogador de futebol Neymar que realizou uma festa de *réveillon* para 500 pessoas, enquanto o Brasil passava por um período de grande instabilidade na curva de contaminação da covid-19, tornando evidente o quanto uma parcela da população brasileira não sabe conviver com a imensidão que se é, com a angústia de estar sozinho e principalmente, com a solidão do isolamento social.

Diante da irresponsabilidade e da falta de consciência das pessoas que insistem em realizarem aglomerações, é importante pensar em qual o significado da existência para a população brasileira. Visto que a existência é uma possibilidade dentro das tantas possibilidades que acontece no tempo da própria experiência, que no caso, é o tempo de vida de cada ser.

Sendo assim, existir são diferentes modos de Ser dentro de uma determinada experiência em um determinado tempo. No entanto, quando não se conhece essas possibilidades de existir e nem se questiona sobre elas, Heidegger denomina que este sujeito vive uma vida inautêntica (Penha, 2014). Onde, a inautenticidade é marcada pela coerção, em que o sujeito age de acordo com o que o dizem sem indagar se aquilo é um desejo seu ou não, com isso, a sua singularidade é anulada, conseqüentemente o sujeito se perde em meio aos outros, não conseguindo discutir nada com profundidade, pois não tem opinião formada sobre nada, é sempre a partir dos outros (2014). O sujeito que cai na inautenticidade, perde a sua vida para o mundo e para os outros, o que, diante de uma pandemia é bastante simbólico, pois o sujeito não perde apenas a consciência de si, mas perde a matéria do seu corpo, para o mundo e para os outros, por não olhar para si e questionar-se sobre o que é correto, o que é responsável e o que não é, então a partir do momento que o sujeito não sabe sobre si e tem esse outro para dizer-lhe o que deve ou não fazer, ele termina por realizar atitudes como: retirar a máscara porque o outro está sem, fazer aglomeração porque o outro está fazendo, afinal algo que é gerador dessa inautenticidade na contemporaneidade, é a busca e o desejo por fazer parte do que HAN (2021) denomina de inferno do igual, sendo o desejo de ser igual a todo mundo para estar encaixado em um determinado grupo da sociedade, anulando-se, e nesse processo o que acontece, também, é a anulação da dor, no entanto “Também a vida que recusa toda dor é uma vida coisificada. Só o “ser-tocado pelo outro” mantém a vida viva. Caso contrário, ela permanece presa no inferno do igual” (HAN, 2021, p. 19), e tais atos, podem desencadear não apenas na perda simbólica de si, mas na perda da matéria que é o corpo para a morte.

Segundo Thomas Ranson Giles, em seu livro *História do Existencialismo e da fenomenologia* (1989), “A fenomenologia é precisamente a arte de desvelar aquilo que, no comportamento cotidiano, ocultamos de nós mesmos.” (p.91), por isso a escolha de fazer uma análise fenomenológica do processo de banalização da morte em meio a uma pandemia, pois os fatos estão evidentes e ainda assim, as pessoas insistem em ocultar de si mesmas, principalmente, o risco de morte que é imensurável ao se expor a COVID-19. Giles (1989) afirma, ainda, que o papel da fenomenologia é se inserir nessa realidade que escapa da autotransparência e manifestar aquilo que está oculto dentro da reflexão, ou seja, uma análise fenomenológica pode tornar evidente o que só é possível de ser percebido, a partir de uma reflexão.

Ao afirmar que “Todo questionar é um buscar.” (p. 40), Heidegger assegura que a partir dos questionamentos, é possível buscar aquilo que ele é e como é, no entanto, para buscar algo, o sujeito que questiona necessita de uma orientação prévia do que se busca e então ele afirma “Para isso, o sentido do ser já nos deve estar, de alguma maneira, à disposição” (p. 41), deve-se saber pelo menos o que está sendo buscado, que no caso, seria o sentido, a direção. No entanto, a grande questão da contemporaneidade é se as pessoas se questionam sobre quem são. Ou melhor, se as pessoas questionam qual o sentido de suas vidas quando se expõe a um vírus extremamente letal em meio a uma pandemia, se já se deram conta de que são finitas. Elizabeth Kubler-Ross em seu livro *Sobre a morte e o morrer* (2017) talvez traga a resposta para este questionamento ao citar “em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos” (p. 18), sendo necessário questionar: por quê? Visto que, como diria Heidegger, todo ser é um Ser-para-a-morte? Para o existencialismo, isso pode representar o quanto as pessoas fogem da angústia, que é causada quando se tem consciência de sua finitude. De acordo com a filosofia de Nietzsche, a cultura é definida pela forma como aquela população lida com o sofrimento, para ele a civilização é especializada em técnicas de não ver, não sentir, não viver para não sofrer (2019), e talvez Han (2021) consiga explicar esse pensamento de Nietzsche quando menciona que “Sem dor, tanto o corpo como o mundo afundam-se em uma in-diferença” (p. 63), pois ao se anular, ao anular a dor que sente, para este sujeito, não vai importar o que acontece com ele ou com os outros, a morte do outro não o implicará, afinal, dentro do inferno do igual, é só mais um número, pelo fato de existir uma necessidade social de excluir o que cada sujeito tem de singularidade.

Diante de um cenário catastrófico como é o cenário pandêmico, não ver e não sentir, pode desencadear inúmeros comportamentos que desrespeitam a vida, deixando de ser uma questão puramente existencialista e se tratando de um conflito ético e moral.

Percebe-se que ao pensar na definição de ética e moral, tem-se, para Vásques, a moral como uma norma de conduta que rege os comportamentos e as situações individuais e cotidianas, enquanto a ética é uma examinadora da moral, ou seja, investiga e teoriza sobre a moral, sendo, então, a Ética a ciência que estuda a moral. (Passos, p.22/23). Vivenciando visceralmente um cenário pandêmico, faz-se necessário pensar qual a moral que rege tais comportamentos. No entanto, em meio a um sistema capitalista onde a vida do outro não importa e sim o lucro,

a ética neoliberal que busca cada vez mais o individualismo (Belmino, 2020) pode explicar esse tipo de comportamento, pois o único interesse se torna o próprio bem-estar, a diversão e de fato, uma das características do individualismo, é que para esses sujeitos só são importantes os seus próprios interesses. Esse mesmo sujeito individualista faz parte de uma sociedade que busca excessivamente superar qualquer tipo de limite (2020), inclusive, os limites impostos por um vírus extremamente letal, no entanto, a consequência desses comportamentos estão sendo a morte de centenas de milhares de brasileiros e brasileiras.

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro (sem partido), foi uma das primeiras pessoas a menosprezar a letalidade do coronavírus, declarando, inúmeras vezes a importância da economia em detrimento as vidas, que era apenas uma gripezinha e que a mídia estava superdimensionando o poder do vírus. Tal comportamento, não é uma surpresa, visto que as suas declarações no decorrer da campanha política, especificamente no Acre, em 2018, fazem apologia à violência afirmando que deveria metralhar o Partido dos Trabalhadores (PT), segundo a revista Exame (disponível em <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>). Portanto, pode-se afirmar que a primeira pessoa pública a banalizar a morte em meio a uma pandemia, foi o presidente, afirmando que “todos nós vamos morrer um dia”, e ainda quando o perguntaram sobre o número de mortes por COVID-19 e ele respondeu “e daí? Eu não sou covão”. O que vale ressaltar é que: este presidente foi eleito democraticamente, sendo fruto de uma sociedade que não pensa perante a possibilidade de ser dominada, menosprezada e ainda, exposta de maneira ainda mais agressiva ao vírus, já que não possui um presidente que lute e proteja as pessoas deste país, visto que a economia, para ele, é mais importante. O Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP), da Universidade de São Paulo (USP) e a Conectas Direitos Humanos, publicaram o décimo boletim sobre Direitos na Pandemia, que consiste em um mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à COVID-19 no Brasil, onde foi realizada uma pesquisa e verificou-se que há uma estratégia institucional de propagação do vírus que é promovida pelo Governo brasileiro, sendo liderado pelo Presidente da República.

Nesse mapeamento é observável a quantidade de “eventos” realizados pelo Estado para o retorno as atividades econômicas da forma mais rápida possível, sem preocupar-se com a vida dos brasileiros e a proliferação do

vírus. Um dos eixos do mapeamento é a “propaganda contra a saúde pública” que eles definem como “discurso político que mobiliza argumentos econômicos, ideológicos e morais, além de notícias falsas e informações técnicas sem comprovação científica”, o que resultou no enfraquecimento da adesão popular ao que é dito pelo comitê científico, como acontece quando as

ANGÚSTIA: A NECESSIDADE DE CEIFAR A DOR NA CONTEMPORANEIDADE

Márcia Tiburi em seu livro *Filosofia Prática* (2014) menciona que “Pensar é urgente, mas o pensamento livre, o pensamento reflexivo não é um valor dos dias” (p. 56), como tem se mostrado nos últimos anos, que o pensamento reflexivo vem sendo deixado de lado por angustiar, por demandar de quem pensa, no entanto, é importante destacar que o não pensar, tem trazido grandes consequências a humanidade.

O não pensar, por exemplo, é uma das formas de eliminar o sofrimento o que para Nietzsche, “eliminar o sofrimento é o mesmo que eliminar a vida” (Mosé, 2019, p. 20) portanto, a partir do momento que a dor do outro deixa de incomodar, deixa de ter importância, a vida foi eliminada, no sentido fidedigno do termo, tendo em vista que a dor pode ser uma das formas mais genuínas da expressão humana. Afinal, a angústia é o que torna a morte intencional, no sentido fenomenológico, pois a experiência da angústia é fruto da ausência de significado, da dificuldade de construir um sentido. Para a fenomenologia, a angústia é fruto da consciência de algo, e este algo, pode ser a consciência de vida, de estar vivo e ainda, de que é finito.

Pensando a antropologia da neurose como uma forma de “mostrar o que se “perdeu” da natureza humana” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 119) é tornar evidente o que aconteceu no decorrer dos séculos: afastamo-nos de nossas experiências primárias, fomos reprimidos pelas instituições e reprimimos nossa sensibilidade e criatividade (BELMINO, 2014). Portanto, a partir do momento que o número de mortes não sensibiliza mais, que o número de mortes diminui e sem cessar torna-se alívio, tem-se a possibilidade de descrever e retratar a antropologia da neurose. Para Paul Goodman, a “antropologia da neurose” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 54) se dá na existência humana, compreendendo-a não como um adoecimento, mas como um aspecto evolutivo da humanidade. Ou seja, a neurose tem a ver com o modo criativo de lidar com um sistema opressor e que não abre possibilidades para que haja um

desenvolvimento criativo (BELMINO, 2014). Olhar fenomenologicamente para este processo, é não naturalizar essas mortes, é não naturalizar a experiência, é olhar e questionar: o que aconteceu? Como pode “o mundo está ao contrário e ninguém reparou” (Relicário, Nando Reis). É possível pensar, então, a antropologia da neurose como uma estratégia evolutiva de naturalizar o sofrimento, como forma de ajustar-se, de conseguir autorregular-se.

Tendo em vista que a contemporaneidade é marcada por um desejo incessante de anular a dor, afinal, essa mesma sociedade que deseja anular a dor é a mesma que faz com que o sujeito produza (desempenhe) independentemente de como ele esteja, pois “a sociedade paliativa coincide com a sociedade do desempenho. A dor é vista como um sinal de fraqueza. Ela é algo que deve ser ocultado ou ser eliminado por meio da otimização. [...] Hoje se remove à dor qualquer possibilidade de expressão. Ela é, além disso, condenada a calar-se.” (p. 13/14) é o lugar onde faz-se necessária a presença do(a) terapeuta pois será ele que disponibilizará um espaço seguro para o seu paciente, será ele que irá disponibilizar-se genuinamente para acolher e ouvir o paciente que chega ao setting terapêutico, muitas vezes, com os seus sentimentos reprimidos e oprimidos pelas instituições. Afinal, para ser “aceito” socialmente, esse sujeito precisa ser igual aos outros, reprimindo seus sentimentos e sensações, obviamente, diante de um cenário pandêmico, essas repressões podem ser geradoras ou até mesmo intensificadoras de ansiedades, pois dentro de uma perspectiva gestáltica, os sintomas ansiosos são manifestações do corpo diante das repressões (Belmino, 2020), aumentando, conseqüentemente, a medicalização da vida, que é a medicalização que limita a autonomia do sujeito, afinal, muitas de suas atividades só serão realizadas com a ajuda de medicamentos ou ainda, sem esses medicamentos os sujeitos não conseguirão realizar suas atividades. No entanto, ao invés de eliminar o que gera esses sintomas, que são essas repressões, é mais prático medicalizar o sujeito, anular os sintomas e fazê-lo produzir, pois além de toda essa repressão, ainda existe uma cobrança para que esse sujeito não fraqueje, não sinta dor ou incômodos, porque pode implicar no seu desempenho, e como dito anteriormente, para o sistema

capitalista, o que esse sujeito sente ou quem ele é, não importa. O que importa, são os lucros que ele pode gerar.

Uma das consequências desse processo pandêmico foi o desenvolvimento de uma produtividade tóxica (El País, 2021), que acontece quando o sujeito chega a situações limite, e se explora até não suportar mais, podendo culminar na síndrome de Burnout, que é uma disfuncionalidade na capacidade do organismo de se recuperar da exaustão, para Byung-Chul Han, “hoje a pessoa explora a si mesma achando que está se realizando; é a lógica traiçoeira do neoliberalismo”. Tal consequência pode ter sido desencadeada devido a dificuldade do sujeito de lidar com a angústia, ou seja, o sujeito utiliza-se da produtividade para fugir da angústia, fazendo-o chegar a situações limite de estresse, de esgotamento, então o sujeito aliena a si mesmo, que no corpo, podem gerar as compulsões, por exemplo.

Se a banalidade do mal, trazida por Hannah Arendt é marcada por um sujeito que não pensa, compreender qual o significado que a morte do outro possui na contemporaneidade, onde o sujeito não pensa no outro, ou pensa como Isso, que significa que o Eu aparece como sujeito egótico que tem consciência de si, mas não tem do outro, tratando este outro como objeto, como evidencia Buber (1974). Assim, compreender o significado da morte do outro é desvelar e explicitar a cultura do descartável que caracteriza a pós-modernidade (Outeiral, 2005), pois este outro por ser tido como Isso, é algo que o Eu descarta com facilidade, transformando o sujeito em alguém egótico, que pensa apenas em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como evidenciado, a grande questão da humanidade é se as pessoas pensam sobre quem são, no entanto, como elas fazem de tudo para adentrar ao inferno do igual, pode-se concluir que não há, por parte da população, se quer, o desejo de questionar-se sobre si, e sim, o desejo de se inserir, no entanto, de onde vem essa necessidade de ser aceito pelo outro? Portanto, é possível concluir que as pessoas se comportam de tal forma por não saberem quem são, como também por questões morais e éticas que marcam os comportamentos de pessoas que fazem parte de uma estrutura e cultura neoliberal. Ainda, é possível concluir que se a fenomenologia é a arte de manifestar aquilo que está oculto através da reflexão, é possível concluir que o significado da morte do outro na contemporaneidade é marcada pela banalidade proposta por Hannah Arendt (1999), pois não há espaço para pensar sobre ela, tendo em vista que a pós-modernidade é

marcada por uma superprodução e pensar sobre um luto ou até mesmo vive-lo são comportamentos que não geram lucros, desencadeando uma fuga do sujeito, principalmente daquele que acredita que não pode parar de produzir.

O sujeito social que foi desvelado diante da pandemia foi um sujeito individualista e egoísta que fez com que os supermercados, por exemplo, limitassem a quantidade de itens que poderiam ser comprados por pessoa, pois foi observado que quem tinha uma melhor condição financeira, estava fazendo estoque e quem só tinha o dinheiro para comprar o alimento do dia, estava ficando sem possibilidades, não existindo o mínimo de respeito e preocupação com quem só podia comprar o mínimo, sendo uma das causas da insegurança alimentar que foi gerada e intensificada dentro de algumas realidades, na pandemia. Sendo possível observar o quanto a sociedade brasileira tornou-se incapaz de produzir sujeitos comprometidos com a cidadania e com o todo social. Gerou, ainda, um sujeito adoecido psicologicamente, pois como mostra o CNN, a venda de antidepressivos aumentou cerca de 17% durante a pandemia, pois havendo uma desorganização da vida e da rotina, seria normal que o indivíduo levasse algum tempo para se adaptar, no entanto, a necessidade do sistema capitalista é que o sujeito seja produtivo, podendo fazer com que ele recorra aos antidepressivos para cessar a angústia e continuar, a todo custo, uma vida que já não existe mais.

Para Heidegger, uma das principais características do Ser, é a consciência de que sua existência é finita, para assim, viver autenticamente. Portanto, diante dos comportamentos de risco, onde o sujeito parece não ter noção do que faz, para Heidegger, ele não é Ser, e sim, Ente. Se esse sujeito evita a dor e a angústia de reconhecer que é finito ou de reconhecer que o outro é finito, isso produz uma vida inautêntica, marcada pela fuga, onde evita a dor para fugir da realidade, o que faz com que o sujeito caia na inautenticidade, perdendo sua vida para o mundo e para os outros.

A pandemia, pode, portanto, confirmar a ideia de Nietzsche de que a civilização é especializada em técnicas do não ver, não sentir e não viver para não sofrer. No entanto, sem dor o sujeito e o mundo caem na indiferença e o outro passa a não fazer diferença na vida daquele sujeito, gerando ou até mesmo intensificando, a banalização da morte.

No cenário atual, como trouxe Márcia Tiburi, pensar é urgente, pois em uma época marcada por negacionismo, “Fake News”, polarização política e crises

(econômica e social), buscar entender o que potencializa tal cenário e distancia a sociedade brasileira de superar essas crises, pode ser tido como essencial e necessário para

a superação de tal cenário. Assim como, priorizar a educação, como prática libertadora e promotora de consciência crítica.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. **Eichmann em Jerusalém**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1999.
- ÀRIES, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva de bolso, 1977.
- ASANO, Camila Lissa; VENTURA, Deisy de Freitas; AITH, Fernando Mussa; REIS, Rossana Rocha; RIBEIRO, Tatiane Bomfim. Direito na pandemia: Ordem Jurídica e sistema judiciário não foram suficientes para evitar graves violações. **Conectas direitos humanos**, São Paulo, ano 2021, v. 10, p. 1-42, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 9 maio 2021.
- BELMINO, M. **Gestalt terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. São Paulo: Paco editorial, 2020.
- BELMINO, Marcus César de Borba. Paul Goodman e o projeto do livro Gestalt Therapy. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 120-142, 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262014000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 out. 2021.
- BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12º Ed. Porto: Porto, 2003.
- BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO ESPECIAL. **Ministério da Saúde**. Disponível em https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/media/pdf/2021/abril/16/boletim_epidemiologico_covid_58-1.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2021
- BOLSONARO PARTICIPOU DE PELO MENOS 84 AGLOMERAÇÕES DESDE O INÍCIO DA PANDEMIA DE COVID-19. **O povo**, 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2021/06/05/bolsonaro-participou-de-pelo-menos-84-aglomeracoes-desde-o-inicio-da-pandemia-de-covid-19.html>> Acesso 05 de junho de 2021
- BOLSONARO VISITA POSTO DE GASOLINA EM GOÍAS, CAUSA AGLOMERAÇÃO E CUMPRIMENTA APOIADORES. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/02/bolsonaro-visita-posto-de-gasolina-em-goias-cumprimenta-apoiadores-e-posa-para-fotos.ghtml> > Acesso em 9 de maio de 2021
- BRUM, Eliane. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. **El País**, 26 de janeiro de 2021. Governo Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html> > Acesso em 9 de maio de 2021.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo, SP: Editora Moraes, 1974.
- CAMUS, A. **O mito de sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.
- FRANCO, M. H. P. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.), **Formação e rompimento de vínculos** (pp. 17-42). São Paulo, SP: Summus.
- FUKUMITSU, K. (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus editorial, 2018.
- GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GOMES, Pedro. ‘Não sou coveiro, tá?’, diz Bolsonaro ao responder sobre mortos por coronavírus. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>> Acesso 05 de junho de 2021
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- IRONIA SOBRE COVID ‘PARÇAS’ E FESTA CHEIA: COMO FOI O RÉVEILLON DE NEYMAR. **Veja**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/ironia-sobre-covid-parcas-e-festa-lotada-como-foi-o-reveillon-de-neymar/> > Acesso em 05 de maio de 2021.
- KUBLE-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MBEMBE, A. **Necropolítica.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIYAZAKI, Maria Cristina. TEODORO, Maycoln. Luto. **Sociedade Brasileira de Psicologia.** Disponível em: <https://www.sbponline.org.br/arquivos/To%CC%81pico_6_S%C3%A3o_muitos_os_lutos_na_situa%C3%A7%C3%A3o_d_a_Covid-19_No_T%C3%B3pico_6_revisamos_o_conceito_de_luto_e_as_alternativas_do_psic%C3%B3logo_para_abordar_esta_tem%C3%A1tica_neste_contexto_.pdf> Acesso em: 04 de junho de 2021.

MONTEIRO, M. **A morte e o morrer em UTI:** família e equipe médica em cena. Curitiba: Appris, 2017.

MOSÉ, V. **Nietzsche hoje.** Rio de Janeiro: Vozes nobilis, 2019.

NO GUARUJÁ, BOLSONARO POSA COM AGLOMERAÇÃO DE APOIADORES. **Exame,** 2020. Disponível em: < <https://exame.com/brasil/no-guaruja-bolsonaro-posa-com-aglomeracao-de-apoiadores/> > Acesso em 9 de maio de 2021

NÚÑEZ, Noelia. Pandemia provoca produtividade tóxica: como identificá-la e se libertar dela. **El País,** 2021. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-08-02/pandemia-provoca-productividade-toxica-como-identifica-la-e-se-libertar-dela.html>> Acesso em 20 de outubro de 2021.

OMS DECLARA EMERGÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA DE IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL POR SURTO DE NOVO CORONAVÍRUS. **Organização Pan-americana da Saúde.** Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>> Acesso em 20 de outubro de 2021.

OUTEIRAL, J. ADOLESCÊNCIA – MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE. In: OUTEIRAL, J; CEREZER, C. **O mal-estar na escola.** Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2005.

PASSOS, E. **Ética nas organizações.** São Paulo: Ed. Atlas, 2004.

PENHA, J. **O que é existencialismo.** São Paulo: Brasiliense, 2014.

PERLS, F. HEFFERLINE, R. GOODMAN, P. **Gestalt-terapia.** 3º Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

PORTARIA Nº 356, DE 11 DE MARÇO DE 2020. **Diário Oficial da União.** Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>> Acesso em 20 de outubro de 2021.

RIBEIRO, Janaina. “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em Campanha no Acre. **Exame.** Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

SOARES, Ingrid. Sem máscara, Bolsonaro causa aglomeração em Santa Catarina. **Estado de Minas,** 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/02/13/inter-na_politica,1237601/sem-mascara-bolsonaro-causa-aglomeracao-em-santa-catarina.shtml> Acesso em 9 de maio de 2021